TL 7038

Entrevista de João Gabriel

João Gabriel - Desde a sua captura tem sido bem tratado pelas autoridades indonésias?

Xanana Gusmão - Sempre fui bem tratado.

P. - Não tem nada a apontar?

R - Não tenho nada a apontar...(silêncio). Achei até um excesso em relação aos outros companheiros meus.

P. - Têm-no tratado demasiado bem em relação aos outros companheiros? Na entrevista que deu a Abílio Osório, o que disse, disse-o de livre vontade?

R. - Sim.

P. - Recusa, portanto, assim, um passado, quase metade da sua vida, os princípios que defendeu ao longo de 17 anos?

R. - Eu não sou conformista, mas...(hesitação) eu creio que (hesitação) devo concordar com os factos.

P. - Concorda que, nesta altura, o melhor para Timor, é a integração?

R. - Sim, individualmente (hesitação). Creio que sim, porque não tenho nada a ver com mais (silêncio)... com outros contextos.

P. - Em relação a Portugal, acha que foi e continua a ser o grande culpado pela situação em Timor?

R. - Escuso-me de responder a isso porque é uma questão que pertence a Portugal. (hesitação) Eu, neste momento (hesitação), não mantenho a mesma posição... de há tempos atrás. Não tenho nada a ver com isso. acho que Portugal... devia reconsiderar a sua própria posição. (silêncio)

P. - Apoia a integração?

R. - Enfim, depende de Portugal... Não tenho nada a ver com Portugal.

P. - Xanana, estes depoimentos, os últimos que tem feito, atenuam-lhe, eventualmente a pena?

R. - Eu não estou interessado (hesitação) em saber que tenho a pena atenuada, na medida em que aceito como responsável daquilo tudo, aceito que... (hesitação) aceito que eu receba as consequências de tudo isto, em vez dos meus companheiros, e uma vez falei com as autoridades nesse sentido. Estou pronto para receber... (hesitação) em lugar dos outros, como responsável da situação provocada em Timor-Leste.

P. - A resistência em Timor acabou?

R. - Não posso afirmar, não é? Não posso afirmar.

P. - Mas sobre o apelo que tem feito à rendição dos membros das Falintil, acha que há sinceridade da aprte das autoridades indonésias em relação à amnistia prometida?

R. - Não posso pronunciar-me sobre essa questão. (hesitação) Eu fiz apelo, tudo (agora) deles. Eles não lutaram por mim, não lutaram por mim.

P. - Quando foi capturado, consta que encontraram na sua casa uma lista de padres que, eventualmente, terão colaborado com a resistência. Confirma?

R. - Sim, confirmo.

P. - A Igreja timorense sempre ajudou a resistência?

R. - Confirmo.

P. - D. Ximenes?

R. - De uma ou de outra forma.

P. - Xanana, foi capturado porque? Houve traição ou alguma imprudência da sua parte?

R. - Escuso-me a responder a isso.

P. - Ia muitas vezes a Dili?

R. - Sim.

P. - Um dos problemas que se põe em relação a si (e de que se tem falado ultimamente) é a sua nacionalidade: agora você é português, indonésio ou timorense?

R. Segundo as decalrações que eu fiz (hesitação), que assinei como cidadão indonésio... (Assumo) todas... as consequências dos meus actos.

P. - Se o Vaticano, eventualmente, pudesse intervir e conseguir tirá-lo da Indonésia, aceitaria?

R. - Não.

P. - Quer ficar cá?

R. - Sim.

P. - E voltar a Timor?

R.- Sim.

P. - Da história da Resistência em Timor, recebeu ou receberam, dinheiro de Portugal?

R. - De grupos de solidariedade... recebi

P. - É ele (Xanana) que, nesta altura, tem a legitimidade para falar pelos timorenses?

R. - Não posso pronunciar e estou (já) fora dessa realidade.

P. - Houve uma campanha de angariação de dinheiro recentemente em Portugal. Na altura é a sua mulher que está na posse desse dinheiro. O que é que gostaria que se fizesse com esse dinheiro?

R.- Não... (silêncio) Repito que não, não estou (hesitação)... Estou inteiramente fora da questão, agora.

P. - Xanana, quando, um dia, voltar a sair, voltar à liberdade, o que é que gostaria de fazer?

R. - Também já disse às autoridades indonésias que (hesitação)... Não tenho outra ambição... senão aopiar aquele povo a... a construir-se.

P. - siaApoiar o povo timorense, mediante uma integração com a Indoné?

R. - Isso, penso que sim.

P. - Você chefiou a resistência e uma das questões em que eventualmente se poderá buscar a acusação contra si é se matou ou não alguém, ao longo destes 17 anos...

R. - Se matei ou não alguém directamente? A mim próprio (hesitação)... Eu não ponho esta questão... Ponho é a minha responsabilidade sobre todos os actos... acontecidos em Timor-

Leste durante estes anos... Claro, se matei ou não matei é coisa secundária... Todos os actos, pela lei indonésia, são subversivos... Pois eu responsabilizo-me por tudo o que aconteceu.

P. - Gostaria de ser extraditado para Portugal?

R. - Não.

P. Quer ficar definitivamente aqui ?

R. - Em Timor, sempre que for possível.

P. - Há alguma mensagem, nesta altura, em especial para alguém?

R. - Não é tempo para fazer mensagens. Não, não é tempo para fazer mensagens, para quem quer que seja.

P. - Está a ser bem tratado?

R - Sim,...sem reservas.

P. - A Resistência é acusada (a Fretilin, nomeadamente) de matar inocentes.

R.- Eu crei que isso pertence a um passado, de a própria Fretilin já (hesitação) já se pronunciou no sentido de reconhecer o erro.

P. - Reconhece que houve alh~guns excessos?

R. - Nos primeiros tempos... da invasão.

P. - Eu volto a insistir: não tem nenhuma mensagem para alguém em especial, em particular, para Portugal, por exemplo?

R.- Não tenho (silêncio).

P. - Acha que as negociações entre Portugal e a Indonésia ainda fazem sentido?

R. - Pertence a eles (a Portugal e à Indonésia), não me pertence a mim.

P. - Não gostaria, nesta altura, enviar uma mensagem ao ministro português que vai encontrar-se, no dia 17, com o ministro indonésio Ali Alatas?

R. - Não tenho nada para dizer (silêncio).

P. - Xanana, com esta sua posição - que não acredito não ser de livre vontade -, não teme um dia ficar rotulado na história como um traidor?

R. - Um homem só não pode fazer uma história (silêncio).

P. - Mas não é estranho ouvir isso, agora, da boca do homem que...

R. - Estou consciente disso.

P. - ... do homem que, ainda há meses, fazia parte... e agora...

R.- Estou consciente disso. (silêncio).

P. - E é de livre vontade que o disse?

R. - Estou consciente disso. (silêncio). Se não acredita (silêncio), pode crer.